

## HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ) COMO MÉTODO AVALIATIVO USADO NA EDUCAÇÃO SEXUAL: INVESTIGAÇÕES ACERCA DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

### COMIC BOOKS (HQ) AS ASSESSMENT METHOD USED IN SEXUAL EDUCATION: INVESTIGATIONS ABOUT TEENAGE PREGNANCY

DOI: 10.19177/memorare.v7e1202027-52

Roberta Seixas<sup>1</sup>  
Denise Maria Margonari Favaro<sup>2</sup>

**Resumo:** A avaliação pode ser tratada por diferentes dimensões e tem sua definição multifacetada podendo ser usada em vários níveis do sistema educacional, de diversas formas e finalidades. Nessa pesquisa, nos atemos a avaliação da sala de aula, testando como ferramenta avaliativa as histórias em quadrinhos (HQ) para investigar situações do cotidiano que cerceiam a gravidez na adolescência. O estudo foi o produto final das aulas de educação sexual, norteadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), ministradas para 28 estudantes do 1º ano do Ensino Médio, em uma escola do interior paulista. Os resultados foram organizados em 4 categorias de acordo com análise de conteúdo de Bardin (1979). Os dados nos evidenciaram a necessidade de a educação sexual ser desenvolvida, aplicada, fundamentada dentro da escola, para desconstruir e combater todos os infortúnios da sexualidade que permeiam a vida dos jovens.

**Palavras-chave:** Avaliação. Histórias em Quadrinhos (HQ). Gravidez na Adolescência.

**Abstract:** Assessment can be handled by different dimensions and has a multifaceted definition that can be used at various levels of the education system in various forms and purposes. In this research, we focus on classroom evaluation, testing comic books (HQ) as an evaluative tool to investigate everyday situations that surround teenage pregnancy. The study was the end product of sex education classes, guided by the National Curriculum Parameters (PCN), taught to 28 students of the first year of high school, in a school in the interior of São Paulo. Results were organized into 4 categories according to content analysis by Bardin (1979). The data showed us the need for sex education to be developed, applied, based within the school, to deconstruct and combat all the misfortunes of sexuality that permeate the lives of young people.

**Keywords:** Evaluation. Comic Books (HQ). Teenage Pregnancy.

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Biológicas, bacharel e licenciada, pela UNESP/São José do Rio Preto (2004 e 2005) e pedagoga pelas Faculdades Anhanguera Matão (2018). Mestre (2020) em Educação Sexual pela UNESP/Araraquara. E-mail: roberta.seixas.21@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Graduada em Letras, habilitações Inglês/Português (1997) e Italiano (2018), pela UNESP/Araraquara e em Pedagogia (2009), pela Universidade Nove de Julho. Mestre (2001) e doutora (2006) em Educação Escolar pela UNESP/Araraquara. E-mail: denise.margonari@unesp.br.

## 1 INTRODUÇÃO

Para nós, professores e pesquisadores, a escola não é somente um local para desenvolver a aprendizagem científica, mas um espaço para promover a formação do indivíduo em sua totalidade. Segundo Libâneo, Oliveira e Toschi (2009):

A escola é uma organização em que tanto seus objetivos e resultados quanto seus processos e meios são relacionados com a formação humana, ganhando relevância, portanto, o fortalecimento das relações sociais, culturais e afetivas que nela têm lugar. (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2009, p. 994).

Para Freitas (2011), cabe à escola formar cidadãos críticos, reflexivos, conscientes de seus direitos e deveres, tornando-os aptos a contribuir para a construção de uma sociedade. Portanto, sua função não está apenas em proporcionar a simples transmissão do conhecimento, mas, sim, em prover a capacidade do aluno de buscar informações, segundo as necessidades de seu desenvolvimento individual e social.

Tendo em mente esse papel da escola, temos que considerar o público que ela acolhe, uma vez que as instituições de educação recebem uma diversidade de alunos, com realidades distintas e que trazem consigo uma gama de demandas que são refletidas no ambiente escolar.

Nessa direção, idealizamos e desenvolvemos o presente trabalho, na tentativa de auxiliar no combate a um dos maiores problemas vivenciados atualmente na cidade do interior paulista onde atuamos: a gravidez na adolescência. Procuramos implementar, na única escola de Ensino Médio da referida cidade, a utilização do humor como uma ferramenta didática, eficaz para tentar adentrar ao mundo dos adolescentes, tornando a educação sexual mais efetiva.

Essa preocupação se fez presente, pois, nesse município, o percentual de grávidas na adolescência é alto: “em 2013, foi de 17,9%” (DOBRADA, 2015), representando que, a cada seis indivíduos nascidos vivos, uma criança tem como mãe uma adolescente, gerando o maior índice da regional a qual essa cidade é pertencente. Essa estatística de gravidez na adolescência gera consequências negativas para a comunidade e para os próprios adolescentes, pois compromete o bom desenvolvimento pessoal e social dos jovens.

Em consonância com a literatura da área, é possível afirmar que o Currículo apresenta orientações acerca da gravidez na adolescência e que os educadores do campo das Ciências da Natureza devem desenvolvê-lo no cenário educacional. No entanto, essas orientações não nos levam a uma diversidade de metodologias didáticas para desenvolver o tema, permanecendo, ainda, em muitos casos, sendo aplicado aos alunos a partir do antigo método tradicional de ensino. Diante dessa realidade, nos questionamos acerca do uso do humor como ferramenta pedagógica, especificamente,

o uso de histórias em quadrinhos (HQ) como método de investigação qualitativa, no papel de ferramenta avaliativa. Nossa pergunta de pesquisa envolveu a seguinte indagação: quais as causas, os porquês, de os adolescentes engravidarem? Como resposta os alunos elaboraram uma produção autoral de HQ, na esperança de que as construções gerassem uma nova perspectiva para o problema.

Portanto, acreditamos que por meio deste estudo qualitativo, poderemos investigar o comportamento desses jovens, participantes desta pesquisa, com vistas a influenciar, mesmo que em pequeno número, a realidade dessa comunidade. Aproximando-nos dos alunos por meio do uso do humor, procuramos minimizar os índices alarmantes de gravidez na adolescência mencionados, pois poderemos compartilhar de suas opiniões, medos, tabus e mitos, especialmente os que assombram esse tema dentro da instituição de ensino, e que podem ser abordados de uma forma mais leve e prazerosa com o humor.

## 1.1 A AVALIAÇÃO

O termo avaliação é algo que vai muito além do universo da educação sendo parte da própria condição humana. A avaliação pode ser tratada por diferentes dimensões, e pode ser usada em vários níveis do sistema educacional, de diversas formas e finalidades. Luckesi (2011) afirma que para saber avaliar é preciso conhecer os conceitos teóricos assim como a prática da avaliação, pois os mesmos são pesquisados e estudados, a prática se refere ao experimento, análise, compreensão e uma constante busca para as novas formas de saber.

Ela pode, portanto, ser classificada como avaliação informal e como avaliação formal, sendo a primeira uma expressão da ação trivial e instintiva do ser humano, e a segunda uma ação sistemática na busca da compreensão do processo de desenvolvimento de atividades, fatos e conhecimentos previamente estabelecidos (BELLONI, MAGALHÃES, SOUSA, 2001).

Há também a classificação por níveis: internacional, nacional, institucional, curricular e de sala de aula. Nesta pesquisa, nos atemos a avaliação da sala de aula, que é aquela que se aproxima do aluno para nortear seu processo de aprendizagem (CARMINATTI, BORGES, 2012).

Há ainda autores como, Haydt (2008) e Bloom (1983), entre outros, que classificaram a avaliação em três tipos, sendo eles: avaliação diagnóstica; avaliação formativa e avaliação somativa. A avaliação diagnóstica, segundo Haydt (2008), é aquela que deverá ser realizada ao início do curso, semestre, ano letivo ou unidade, e contribuirá para a identificação prévia da turma, para um momento de tomada de decisão e para possíveis modificações no plano de ensino inicial. Já com a avaliação formativa é possível constatar se os objetivos estabelecidos foram atingidos pelos alunos, como

também levantar dados para que o professor possa realizar um trabalho de recuperação e aperfeiçoar seus procedimentos (HAYDT, 2008). E, finalmente, a avaliação somativa visa classificar os resultados da aprendizagem alcançados pelos alunos ao final do processo tendo a função de classificar o aluno e quantificar este processo avaliativo (HAYDT, 2008). É importante ressaltar que cada um dos tipos de avaliação tem função específica e não só podem, mas devem ser usadas em diferentes momentos do processo de ensino-aprendizagem, sendo que sua escolha deve estar de acordo com seus objetivos.

No entanto, não podemos deixar de mencionar que a avaliação pode se tornar uma grande vilã no processo de ensino-aprendizagem, pois esta, pode resultar em um processo de medição/punição trazendo para os educandos uma sensação de ameaça, e não a real ideia que deveriam ter, ou seja, que a avaliação é uma ferramenta de auxílio o processo de aprendizagem. Nessa visão tradicional o professor restringe a avaliação a um instrumento de controle que é utilizado para medir os conteúdos memorizados pelo aluno. Assim, a prática avaliativa toma contornos de uma prática que reproduz um sistema pré-estabelecido onde o professor e a escola exercem um papel de autoridade do saber e o aluno um mero receptor de conteúdos.

Infelizmente, ainda encontramos muitas instituições de Ensino Básico que se utilizam deste modelo tradicional de avaliação, ou seja, ainda aplicam provas que visam mensurar o saber quantitativo dos discentes e não o diagnóstico das dificuldades dos alunos. Este modelo se torna incompleto na medida em que não permite ao docente, a noção exata dos avanços na aprendizagem dos alunos, e a eficácia dos métodos utilizados (VASCONCELLOS, 1998).

Frequentemente a avaliação feita pelo professor se fundamenta na fragmentação do processo ensino/aprendizagem e na classificação das respostas de seus alunos e alunas, a partir de um padrão predeterminado [...] a avaliação escolar, nesta perspectiva excludente, silencia as pessoas, suas culturas e seus processos de construção de conhecimentos; desvalorizando saberes fortalece a hierarquia que está posta, contribuindo para que diversos saberes sejam apagados, percam sua existência e se confirmem como a ausência de conhecimento (ESTEBAN, 2001, p. 16 - 17).

Portanto, precisamos entender que a avaliação escolar é um dos elementos do processo de ensino-aprendizagem, a visão do avaliador deve ir além da observação, mas também intervir na situação de forma a contribuir como o desenvolvimento do educando. Ao avaliar temos que pensar no aluno, no seu direito de ensino de qualidade que a escola deve organizar e estruturar para formar cidadãos conscientes e capazes de influenciar de forma positiva sua vida e a sociedade, ou seja, a avaliação está ligada a própria ação humana, que por meio da reflexão busca soluções para os erros cometidos e elabora uma nova ação. Assim, ela serve de auxílio a várias ciências e as atividades cotidianas sociais na construção de conhecimentos (CARMINATTI, BORGES, 2012).

De tal modo que,

A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorre a instrumentos de verificação do rendimento escolar (LIBÂNEO, 1994, p. 195).

Podemos observar que não existem métodos corretos ou ineficazes, o que determina se os métodos avaliativos utilizados são eficientes ou não, são os resultados obtidos com a sua aplicação. Segundo Luckesi,

Uma avaliação escolar conduzida de forma inadequada pode possibilitar a repetência e esta tem consequências na evasão. Por isso, uma avaliação escolar realizada com desvios pode estar contribuindo significativamente para um processo que inviabiliza a democratização do ensino. (LUCKESI, 2006, p. 66).

Nesse contexto, podemos compreender a avaliação de uma forma mais ampla entendendo que ela é um processo contínuo presente em todo processo de ensino-aprendizagem. Há autores que defendem a avaliação contínua, incentivando os docentes o uso de diversificados instrumentos avaliativos, propondo assim, uma melhor e mais completa análise da evolução do aprendizado, dos métodos aplicados e das lacunas por preencher (SANT'ANNA, 1995). As críticas ao modelo tradicional passam pela elaboração de questões objetivas, que ao serem respondidas, não permitem que o docente tenha um panorama geral da aprendizagem de seu aluno, assim como limita a possibilidade do educador expandir o seu olhar e detectar problemas que possam estar dificultando a aprendizagem, como por exemplo: medo do professor, timidez, dificuldades de assimilar o conteúdo, entre outros. (SANT'ANNA, 1995).

Sendo assim, a avaliação, para o aluno, deve exigir a reflexão sobre a realidade, a partir de dados e informações aprendidos eles podem ser capazes de tomar decisões que permeiem a mudança de paradigmas. Esperamos que nossos alunos possam refletir, considerando a reflexão como algo que acontece de forma subjetiva a fim de buscar uma resposta ao problema de forma objetiva. (SAVIANI, 2000, p.79).

Segundo Hoffmann (1997),

A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento, passo a passo, do educando, na sua trajetória de construção do conhecimento. Um processo interativo, através do qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação. (HOFFMANN, 1997, p. 18).

Neste trabalho, portanto, nos preocupamos em desenvolver um modelo de avaliação mais democrático e participativo, procurando valorizar os aspectos qualitativos da avaliação, nos

precavendo de não apenas avaliar o produto, mas todo o processo educacional, tendo a participação dos sujeitos envolvidos.

## 1.2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ) NA EDUCAÇÃO

De maneira geral, o uso de quadrinhos na educação tem sido mais utilizado pelas Ciências Humanas (VERGUEIRO; RAMOS, 2009). Recentemente, entretanto, os bons resultados obtidos nessas áreas do conhecimento têm atraído os professores brasileiros ligados às áreas de Ciências Exatas e da Natureza, que começam a refletir sobre como os quadrinhos podem ser úteis em suas disciplinas (CARUSO; SILVEIRA, 2009). Essas reflexões têm sido feitas principalmente nos últimos dez anos, mas ainda há relativamente pouco material disponível em língua portuguesa, para a área de Ciências da Natureza (SANTOS; AQUINO, 2010).

Portanto, para discorrer sobre a importância do uso de HQ no processo de ensino aprendizagem debruçamo-nos nos documentos norteadores da educação, Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN). Nele temos a reafirmação da importância da escola na formação de indivíduos competentes para a sociedade, e para isso, “ (...) é necessário que a escola garanta um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva” (BRASIL, 1997, p. 33).

Sendo assim, as HQ encontram-se inseridas nos conteúdos de temas transversais que tratam de questões sociais (saúde, orientação sexual, cultura, meio ambiente e ética). Organizadas em diversas linguagens, as histórias em quadrinhos viabilizam diferentes contextos e produzem informações vinculadas aos temas sociais (BRASIL, 1997), ou seja, o documento atrela o uso de HQ para a formação e até mesmo a análise das questões sociais, sendo uma estratégia importante para trabalhar os conteúdos transversais, pois tem boa aceitação entre alunos e pode render outras produções do conhecimento mais interessantes a cada faixa etária.

Vergueiro (2010) aponta que ao trabalhar as HQ o professor deve levar em consideração os objetivos, a temática, a linguagem e o desenvolvimento intelectual do aluno, ressaltando a importância de se considerar a faixa etária, que neste trabalho se limitou ao Ensino Médio:

(...) Nível Médio: e uma fase de mudanças de personalidade não aprova qualquer tipo de material, muitas vezes questionam o que é oferecido em sala de aula. Nas produções próprias, buscam reproduzir personagens mais próximos da realidade, com articulações, movimentos e detalhes de roupas que acompanham o que veem ao seu redor (VERGUEIRO, 2010, p. 28-29).

Portanto, a HQ apresenta-se como um instrumento eficaz nessa faixa etária desta pesquisa, adolescentes de 14 e 15 anos, tendo grande valia, uma vez que as mesmas apresentam uma forma de

comunicação verbal e não verbal importante para expressar a produção própria do aluno, sua realidade, e ainda, pode ser utilizada em diversos momentos de aprendizagem, para a introdução de um tema, assim como aprofundar conteúdos já apresentados e, até mesmo, avaliar se o aluno alcançou com sucesso a interiorização do conhecimento exposta. Segundo Vergueiro (2004), não existem regras para o uso de HQ, pois “pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-lo para atingir seus objetivos de ensino”. (p. 26).

### 1.2.1 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ) COMO MÉTODO AVALIATIVO

Por mais que as HQ, ao longo da história, tenham sido rejeitadas por pais e professores elas possuem, hoje, benefícios evidentes para o processo de ensino-aprendizagem. Está presente desde a alfabetização e letramento na Educação Básica até provas externas aplicadas por instituições governamentais no Ensino Médio, por exemplo, no Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Nesse sentido, Vergueiro (2006, p. 21) argumenta que “(...) o emprego de histórias em quadrinhos já é reconhecido pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)”, corroborando o fato de sua importância para educação.

Nessa perspectiva, nos propomos a desbravar o campo da HQ como método avaliativo no Ensino de Educação Sexual para adolescentes. Sua escolha se deu pelo fato das HQ apresentarem dois tipos de linguagem: a verbal e a não verbal. Tal característica de combinação de textos com imagens presentes nas HQ “amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir” (VERGUEIRO, 2004, p. 22).

As HQ são obras em que há a presença dos signos linguísticos e visuais, esses auxiliam o homem a interpretar a realidade que o cerca e estão presentes em toda parte. Bakhtin (2002) explicita que:

(...) cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer (BAKHTIN, 2002, p. 33)

Portanto, entendemos que além das HQ se apresentarem como um gênero que se utiliza de linguagem com signos socioideológicos e imagens, ela ainda, como produção dos alunos, apresenta a realidade dos mesmos, servindo como um bom método avaliativo, pois podemos estimar se os estudantes absorveram o conteúdo específico, bem como, abrir precedentes para novas perspectivas do cotidiano dos jovens acerca do tema. Entendemos que o humor,

(...) também podem servir de suporte empírico para uma teoria mais aprofundada e sofisticada de como funciona uma língua, especialmente porque se trata de um corpus que, além de expor traços do que nela é sistemático (gramatical) e, paradoxalmente, ‘desarrumado’, contribui para deixar muito claro que uma língua funciona sempre em relação a um contexto culturalmente relevante e que cada texto requer uma relação com outros textos. (POSSENTI, 2001, p.72).

Essa investigação tinha como pano de fundo o fato de que nesta comunidade o índice de gravidez na adolescência é alto, e deste modo, o presente estudo visa implementar experimentalmente e analisar a eficácia de um modelo diversificado de avaliação, recorrendo à utilização de HQ como ferramenta avaliativa do processo de ensino-aprendizagem, a alunos do primeiro ano do Ensino Médio, de uma escola estadual do interior de São Paulo. Pretende-se ainda, que este estudo ao ser aplicado como método avaliativo, possa estimar a capacidade criativa dos discentes e sua aceitação da HQ como método de avaliação, e finalmente, investigue situações do cotidiano que cerceiam a temática, gravidez na adolescência.

## **2 METODOLOGIA**

Para a realização do presente estudo, foi-nos concedida a autorização para que pudéssemos implementá-lo em uma sala de aula, diante de um termo de consentimento assinado pelos responsáveis. Participaram do estudo 28 estudantes do 1º ano do Ensino Médio, da única escola estadual com o nível já mencionado, localizada em uma pequena cidade do interior do estado de São Paulo.

Após 22 horas/aula sobre Educação Sexual, na disciplina de Biologia, todas norteadas pelos PCNs, foi proposta a produção de HQ como forma de avaliação. Para isso foi dada aos alunos 2 horas/aula, para a construção e finalização das HQ. Sendo assim, a avaliação foi aplicada tendo como questionamento a seguinte pergunta: qual(is) a(s) causa(s), o(s) porquê(s), de os adolescentes engravidarem?

Essa pesquisa caracterizou-se como qualitativa e avaliativa, sendo que Caro (1982), em estudo sobre pesquisa avaliativa, define a avaliação como a determinação dos resultados obtidos por uma atividade, planejada para atingir uma data meta ou um dado objetivo de valor. Nesse sentido, o estudo avaliativo deste trabalho nos permitiu registrar informações e emitir um julgamento sobre o uso da HQ como ferramenta avaliativa, mas também, possibilitou-nos uma série de outras conclusões que serão apresentadas posteriormente.



Em pesquisa avaliativa podemos distinguir dois paradigmas, o clássico e o sócio antropológico, conhecida como avaliação iluminativa (PARLETT; HAMILTON, 1982). Em nossa pesquisa, por ser de cunho qualitativo, optou-se pelo segundo segmento, e fundamenta-se na descrição e na interpretação de dados. De acordo com os autores, os objetivos desse tipo de investigação são conhecer as diversas situações nas quais o objeto de estudo é analisado e aplicado, assim como quais são suas vantagens e desvantagens,

A avaliação iluminativa visa a descobrir e documentar em que consiste a participação na experiência inovadora tanto do ponto de vista do professor, quanto do aluno; propõe-se também a tarefa de discriminar e discutir as características mais importantes da inovação, os fenômenos concomitantes e os processos críticos. Em suma, esta avaliação procura colocar todo um complexo conjunto de questões. (PARLETT; HAMILTON, 1982, p. 40)

Desse modo, nos foi possível avaliar a eficácia da HQ no processo de avaliação, assim como registrar impressões, opiniões, paradigmas sociais construídos acerca do tema, como também mitos e tabus vigentes entre o público-alvo dessa pesquisa.

Os resultados foram explorados a partir da análise de conteúdo de Bardin (1979), e de acordo com ela, é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, utilizada para estudar e avaliar material qualitativo, buscando-se a melhor compreensão de uma comunicação ou discurso. Além de relacionar suas características gramaticais às ideológicas e teóricas, podemos, ainda, extrair os aspectos relevantes para a pesquisa em questão. Escolheu-se especificamente a análise categorial, pois funciona por “operações de desmembramento do discurso em unidades, em categorias e, a partir daí seu reagrupamento em conjuntos de significados semelhantes” (BARDIN, 1979, p. 117).

Portanto, as HQ não serão apresentadas na íntegra, teremos partes que sustentem a categorização criada para representar os dados coletados utilizando a análise de conteúdo de Bardin (1979). As categorias foram: abuso ou assédio?, Adolescer: um impacto no contexto familiar, Sexo: uma prova de amor? e (Des)informação sobre processos biológicos da concepção.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A educadora não orientou a respeito de como construir os personagens, dando liberdade aos alunos de usarem sua criatividade, e desta forma, eles apresentaram como personagens órgãos sexuais dialogando, outros desenharam bonecos de “palitinhos” e alguns, ainda, criaram formas geométricas com os símbolos de feminino e masculino. Esses personagens das HQ estarão representados a seguir dentro das categorias.

As produções de uma forma geral possuíam muitos erros ortográficos, mas que não impediram o entendimento. Outro fator importante que a professora não considerou, por entender que os alunos do 1<sup>a</sup> série do Ensino Médio já saberiam, foi a elaboração das HQ, os alunos não possuíam o conhecimento teórico dos elementos que compõe a HQ, sabiam apenas o básico, textos dentro de balões e desenhos retratando os personagens. Mesmo não tendo esse conhecimento tão detalhado foi possível analisar a eficácia do instrumento de avaliação aplicado aos jovens chegando aos resultados que estão descritos a seguir.

### 3.1 ABUSO OU ASSÉDIO?

Tivemos uma produção que sugeriu que a gravidez na adolescência tem como causa o abuso/assédio por parte de parentes próximos. Talita, a menina que sofre assédio, acabou por engravidar do namorado para sair de casa, pois a relação com o padrasto estava complicada. A HQ é representada por um diálogo com a amiga, no qual Talita nos dá indícios de assédio e um possível abuso.

Figura 1a, b e c. Trechos da HQ descrita para categoria abuso ou assédio?

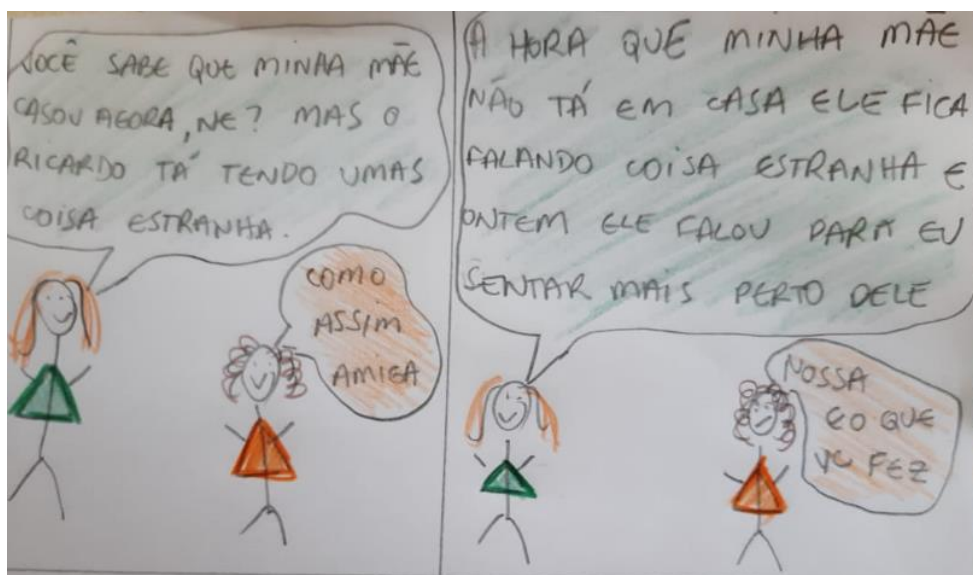


Figura 1a

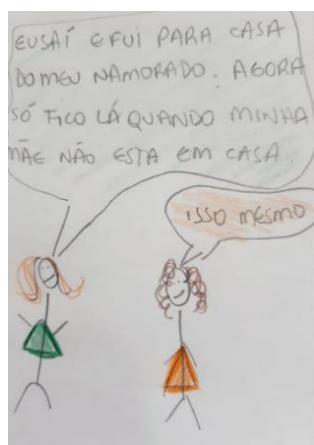


Figura 1b

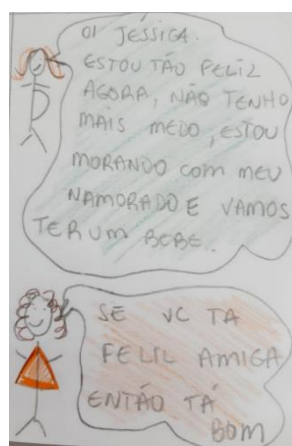


Figura 1c

Fonte: Produção autoral de alunos, 2018.

Na *figura 1a* Talita descreve a situação da mãe recém-casada, e logo em seguida expressa o quanto o novo marido da mãe, Ricardo, está tendo atitudes estranhas. Em momento algum, no diálogo, temos o conteúdo explícito de abuso sexual, mas caracteriza o assédio, motivo pelo qual Talita passa a ficar na casa do namorado (*Figura 1b*) na tentativa de fugir do padrasto. Subentende-se esse assédio, pois a Talita relata que as “coisas estranhas” do padrasto só acontecem na ausência da mãe.

Observamos aqui o conteúdo que os signos apresentem, abuso e/ou assédio? Se considerarmos que o sinal é identificado e o signo é descodificado, entendemos que o sinal está distante do domínio da ideologia enquanto que a mobilidade reside no signo, ou seja,

(...) aquilo que constitui a descodificação da forma linguística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra no seu sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p.94).

Sendo assim, conseguimos entender as informações implícitas e explícitas colocadas na HQ, compreender que os signos, assédio e abuso, têm o mesmo peso psicológico e social levando Talita a engravidar para ter a proteção na casa do namorado. Essa ideia é corroborada na *Figura 1c* quando Talita relata que não tem mais medo, pois agora que mora com o namorado está longe da ameaça do padrasto.

De acordo com dados da UNICEF (2005), os principais abusadores são pessoas do sexo masculino, próximos à criança e o local é o doméstico. Esse vínculo familiar contribui para que os dados sejam tão obscuros, pois o mesmo que agride é aquele a quem a criança ama. Dessa forma, abuso sexual em família não é facilmente denunciado. Acredita-se que no Brasil menos de 10% dos casos chegam às delegacias (RIBEIRO; FERRIANI; REIS, 2004).

O primeiro passo é a identificação desses casos, a obtenção da visualização do abuso sexual, a incitação da reflexão sobre quais conceitos regem o reconhecimento e a intervenção. A escola tem um papel fundamental nesse processo, tanto na identificação quanto na prevenção desse fenômeno do abuso sexual infantil.

### 3.2 ADOLESCER: UM IMPACTO NO CONTEXTO FAMILIAR

O ciclo vital evolutivo da família é dinâmico (OSORIO, 1996), sendo marcado por efeitos previsíveis e imprevisíveis, causando grande impacto no contexto familiar. O mesmo atinge a todos os membros da família, como acontece, por exemplo, com a adolescência, considerada como uma fase do ciclo vital familiar que provoca intensas transformações relacionais, especialmente entre pais e filhos (SUDBRACK, 2001). Isso porque, segundo Cerveny e Berthoud (2001), pais e filhos encontram-se em momentos diferentes de transformação. Podemos ver essas situações transcritas nas *Figuras 2a e 2b*, onde fica claro que a filha prefere ir embora de casa a aceitar a imposição materna. Acabando por engravidar propositalmente (*Figura 2c*) para ter a suposta liberdade que tanto almejava, mas logo se arrependendo.

Muitos estudos enfatizam que há um aumento das brigas e disputas entre pais e filhos durante os anos da adolescência (WAGNER; FALCKE; SILVEIRA; MOSMANN, 2002), uma vez que a necessidade de negociação constante, inerente a esta etapa, aumenta o potencial de conflitos entre as gerações (MARTURANO et. al., 2004).

Figura 2a, b e c. Trechos das HQ para representar a categoria adolescer: um impacto no contexto familiar (brigas)



Figura 2a



Figura 2b

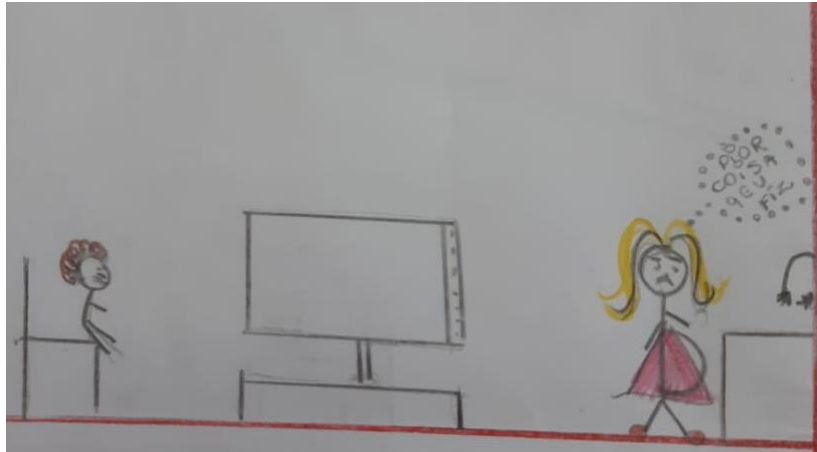
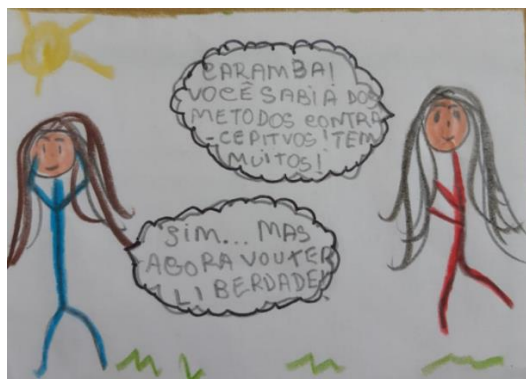


Figura 2c

Fonte: Produção autoral de alunos, 2018.

Essa ânsia por sair de casa e as brigas constantes por “liberdade” encontramos em outras HQ culminando na gravidez. Na *Figura 3* Maria (de azul) grávida, conhecia os métodos contraceptivos, porém engravidou para ter “liberdade”.

Figura 3. Trechos das HQ para representar a categoria adolescer: um impacto no contexto familiar (busca de liberdade)



Fonte: Produção autoral de alunos, 2018.

A adolescência é uma etapa difícil, pois o indivíduo passa por momentos de desequilíbrios e instabilidades extremas, sentindo-se muitas vezes inseguro, confuso, angustiado, injustiçado, incompreendido por pais e professores, o que pode acarretar em problemas para os relacionamentos do adolescente com as pessoas mais próximas do seu convívio social.

Na *Figura 4*, Paula grávida confessa não se sentir à vontade com os pais para tratar desses assuntos, demonstrando aqui a importância da escola, por exemplo, no ato de informar, refletir e discutir questões acerca da temática.

Figura 4. Trechos das HQ para representar a categoria adolecer: um impacto no contexto familiar (vergonha)



Fonte: Produção autoral de alunos, 2018.

Entendemos, portanto, que esse momento de crise desencadeada pela vivência da adolescência é de fundamental importância para o desenvolvimento psicológico dos indivíduos (DRUMMOND; DRUMMOND FILHO, 1998), o que faz dela uma crise normativa. Mas tem que ser vivenciada com auxílio de orientação que permita a esses adolescentes um crescimento psicológico e social saudável, sendo, portanto, a escola um local para acolhimento e produção de uma educação sexual emancipatória, ou seja, local de desenvolvimento ações educativas com a finalidade de promover a autonomia, buscando superar padrões de comportamentos hierarquizados e estereotipados, superando preconceitos e tabus (GARCIA, 2005).

### 3.3 SEXO: UMA PROVA DE AMOR?

Espindula e Santos (2004) pontuam que as representações sociais servem de referenciais de ação aos indivíduos em seu ambiente, sendo assim, observar as representações sociais de sexo atrelado ao sentimento de amor destes adolescentes se faz necessário, uma vez que o ato sem proteção (*Figuras 5a, b e c*) apresentou-se intimamente ligado ao amor, possibilitando-nos, a partir dessa análise uma compreensão da realidade desse grupo em nível intrapessoal, interpessoal e intergrupar, pois elas nos auxiliam na aplicação do conhecimento social disponível que transcende os limites da nossa experiência.

Consideramos também diante do apresentado que o sexo e a intimidade, estão associados às questões de amor e compromisso como exposto por Giddens (1993), pois ofertam aos parceiros certas

garantias de estabilidade (*Figura 5d*), ao passo que a união deva durar somente enquanto for satisfatória para ambos. Percebe-se que os elementos se ligam através de um continuum, configurando-se numa relação com a garantia de estabilidade e segurança para os cônjuges. O alicerçamento do amor relacionado à experiência mútua, o compartilhar de experiências: “estas formas de combunhão psicológica naturalmente só ocorrem ao longo de certo tempo, nunca em reações à primeira vista” (PEREIRA, 1982, p. 2).

Figura 5a, b, c, d, e, f e g. Trecho de HQ para representar a categoria sexo: uma prova de amor?

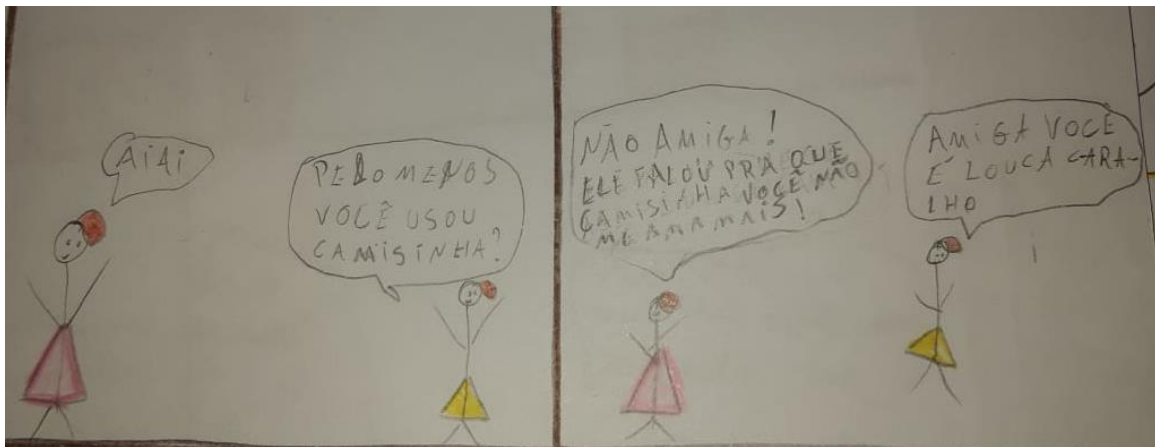


Figura 5ª

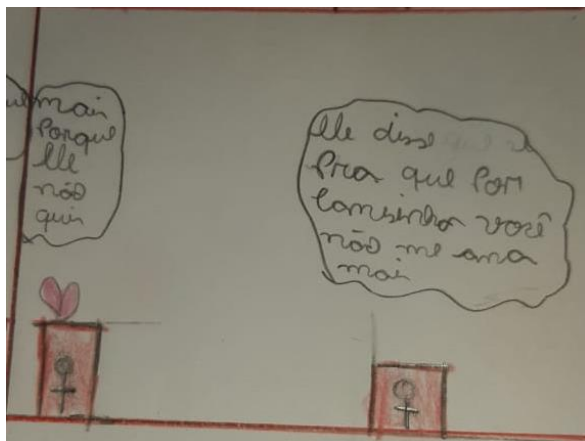


Figura 5b

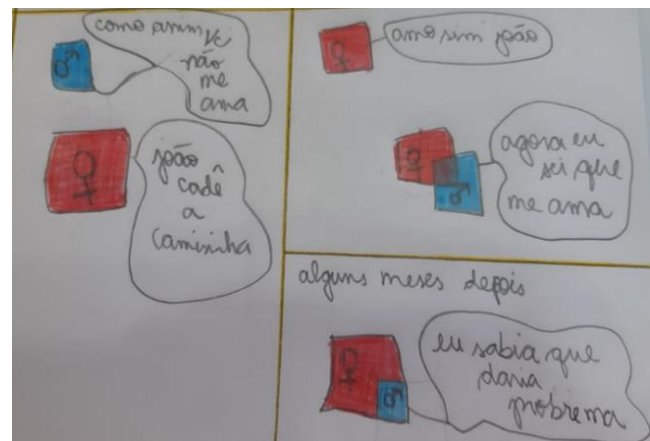


Figura 5c

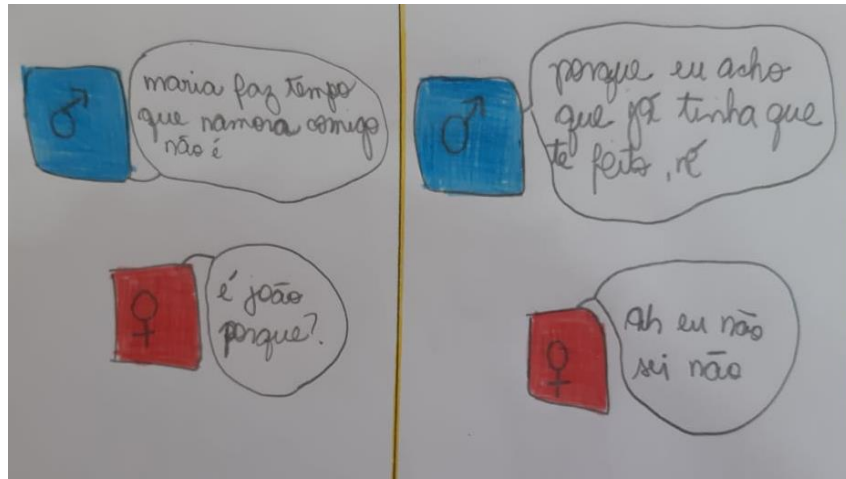


Figura 5d

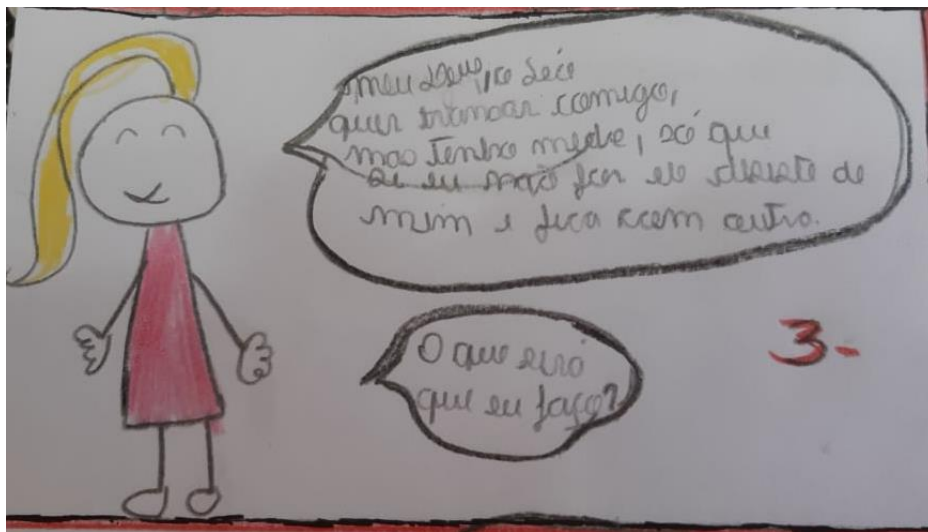


Figura 5e



Figura 5f





Figura 5g

Fonte: Produção autoral de alunos, 2018.

Segundo Guitierrra (2003), o tempo da adolescência surge como fruto da modernidade, dos movimentos históricos e sociais, forçando por sua vez, alterações e transformações significativas na subjetividade. Esse adolescente saiu de um período de apoio e dependência constante, a infância, para um momento onde os processos simbólicos de adultificação têm que ser apresentados, no entanto, vivenciamos uma falta de processos simbólicos que regulem a passagem da infância para a vida adulta, e, portanto, na “(...) falta desses dispositivos o sujeito teve que lidar solitariamente com a questão, não podendo senão adolecer.” (p.29). Esse processo tem uma miscigenação de sentimentos, incluindo o medo do abandono representado nas *Figuras 5e* e *5f*, onde a garota “se vê obrigada” a fazer sexo para não perder o namorado, e na *Figura 5g*, em que a jovem engravidou propositalmente para evitar o abandono.

Na *Figura 5g* verificamos, implicitamente, a gravidez advinda de um problema social e/ou psicológico, uma vez que a adolescente quis engravidar. De acordo com Heilborn (2006), são enumerados 13 possíveis grupos que indicam a falta de contracepção nas relações sexuais, a gravidez e a maternidade. São eles: desvantagens comunitárias e desorganização; vínculo e sucesso na escola; vínculo a instituições religiosas; estrutura e condição econômica das famílias dos adolescentes; vínculo e dinâmica familiares; comunicação e crenças dos pais sobre sexualidade e contracepção; atitudes e comportamento dos pares; presença de um parceiro e as características do parceiro; abuso sexual; antecedentes biológicos; condição étnica; engajamento em outros comportamentos de risco e perturbação emocional; e antecedentes psicossociais sexuais. Alguns desses grupos estiveram presentes nessa análise dos dados coletados, nas HQ, nos fazendo perceber que o problema não reside somente em informações de processos biológicos.

Voltamos então ao momento da adolescência, um momento de desconfiança em relação ao mundo do adulto, mas também algo que possa funcionar para voltar a “segurança” da infância. A desconfiança, o medo do abandono, são permanentes e devem envolver três registros segundo Gutierrez (2003),

\*Real- ao lidar com a puberdade não simbolizada e com a “não relação sexual” que “não cessa de não se escrever”. \*Simbólico – ressituar-se frente à filiação e à cadeia significante, construindo novos Nomes-do-pai e fazendo novos laços sociais; \*Imaginário – modificação do estatuto e do valor do corpo num *aprés-coup* do estado do espelho.” (GUTIERRA, 2003, p.72).

Verifica-se, portanto, que adolecer envolve os três registros e um momento de “amarração”, que implica a ele se situar como sujeito, respondendo conforme o seu próprio desejo, assumindo assim uma nomeação própria. Caso isso não ocorra de forma adequada temos as variações subjetivas criadas na identidade dos adolescentes, levando-os a deturpação da realidade em relação as suas atitudes. Fato esse que pode ser combatido com uma Educação Sexual que tenha como objetivo o reconhecimento do outro e de si.

Já relação entre sexo/amor entendemos ser representações sociais, e investigá-las mais a fundo permitir-nos-á entender e desmontar o motivo que atrela o sexo sem proteção à edificação do sentimento de amor nos adolescentes. Cabendo, portanto, aos educadores e a própria instituição de ensino proporcionar essa desconstrução a partir de uma educação sexual emancipatória.

### **3.4 (DES)INFORMAÇÃO SOBRE PROCESSOS BIOLÓGICOS DA CONCEPÇÃO**

Sabemos que a prática de educação sexual foi tardia, início do século XX, onde prevaleciam discursos, em geral, repressivos, ancorados nos pressupostos da moral religiosa e reforçados pelo caráter higiênico das estratégias de saúde pública (FIGUEIRÓ, 2010). Com a aprovação da LDB em 1996, dando origem aos PCNs (BRASIL, 1998), publicado em 1998, já exposto no capítulo 1 deste trabalho, houve uma reformulação de propostas pedagógicas, visando a melhoria das práticas do sistema educacional brasileiro. Dentre os norteadores do currículo, PCN, foi criado um caderno referente a orientação sexual visando toda a totalidade de conceitos que envolvessem a sexualidade, passando todas as disciplinas, assumindo o caráter cultural, social e histórico (BRASIL, 1998).

Após, aproximadamente, 20 anos a publicação dos PCNs, encontramos problemas relacionados a questões de sexualidade, incluindo comportamentos sexuais de adolescentes que colocam sua saúde em risco (OJEDA; GONZÁLES; TERRENO, 2006). E nesse trabalho nos deparamos com o mesmo problema. Levando-se em consideração que os alunos tinham que produzir HQ que representavam o porquê de os adolescentes ainda engravidarem, fato corroborado com os altos índices de gravidez na adolescência do município estudado, os alunos apresentaram em suas produções a falta de conhecimento dos processos biológicos da concepção por grande parte dos jovens.

Nas *Figuras 6a, c e e*, observamos a prática no sexo do coito interrompido, técnica que consiste na retirada do pênis no momento da ejaculação. Já na *Figura 6b* foi apresentada a despreocupação em usar preservativo, em *6d* encontramos a personificação dos órgãos sexuais representando a falta de conhecimento sobre as condições dos processos biológicos vivenciados a puberdade e em na *Figura 6f* ocorre a representação do mal-uso do preservativo. Finalmente, na *Figura 6g*, observamos a prática sexual com vários parceiros na “balada” e o uso de preservativo somente com alguns meninos, aqueles que portavam camisinhas.

Figura 6a, b, c, d, e, f e g. Trecho de HQ para descrição da categoria (Des)informação sobre processos biológicos da concepção

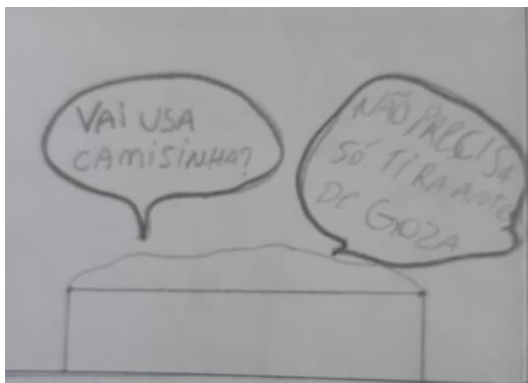


Figura 6a

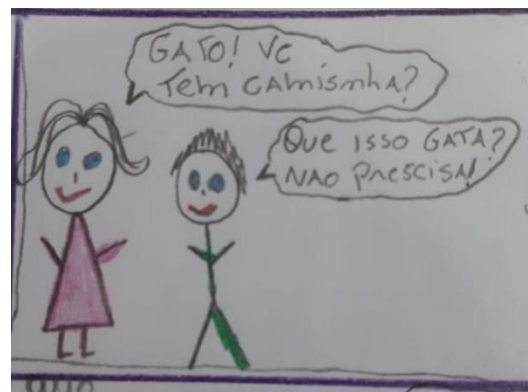


Figura 6b

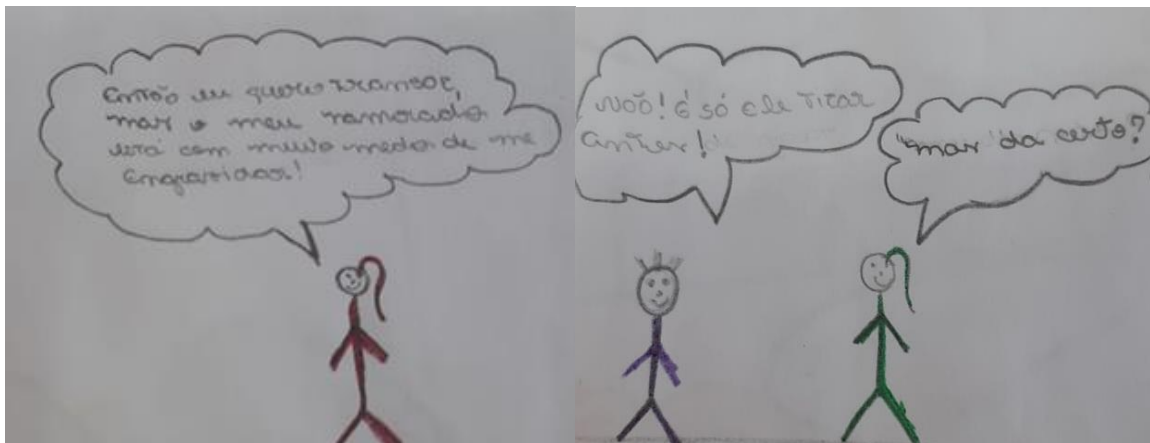


Figura 6c



Figura 6d

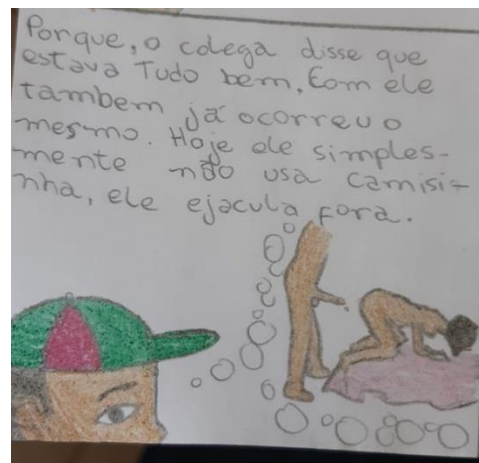


Figura 6e

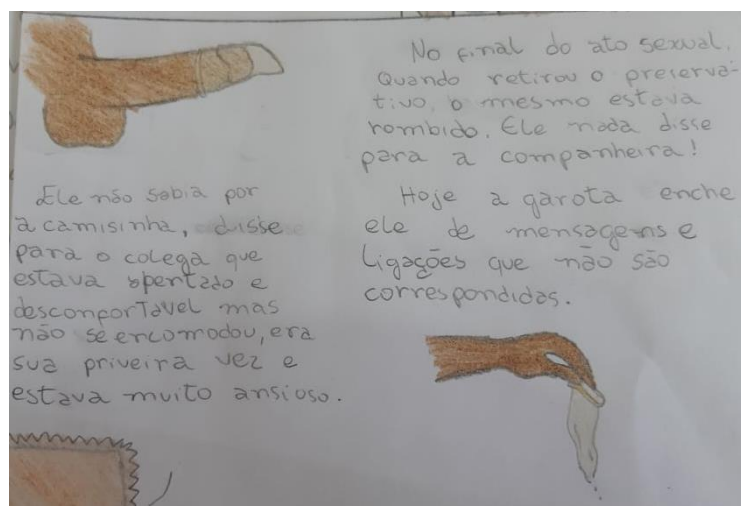


Figura 6f



Figura 6g

Fonte: Produção autoral de alunos, 2018.

Vários autores apontam o início da atividade sexual precoce associado ao desconhecimento sobre contracepção e reprodução um fenômeno típico de nossa atualidade (BIÉ; DIÓGENES; MOURA, 2006). Como consequência a gravidez inesperada tem sido relatada como uma vulnerabilidade nessa fase da vida (ARAÚJO; COSTA, 2009), encontrando-se hoje como um problema de saúde pública, pois pode contribuir para a morbimortalidade materna e neonatal, complicações no parto, prematuridade e maiores riscos de aborto (LEITE; RODRIGUES; FONSECA, 2004).

Observamos que o aluno fez a representação do uso de preservativos, no entanto, entendemos que citar o método de anticoncepção não significa necessariamente conhecê-los, ou seja, ter adquirido informações suficientes sobre as suas vantagens, desvantagens e modo de utilizá-los (MENDONÇA; ARAÚJO, 2009), fato comprovado com a explicação exposta na *Figura 6f*. A não preocupação dos adolescentes sobre a possibilidade da gravidez quando terão uma relação sexual, *Figura 6b*, coincide com estudo realizado com adolescentes primigestas, que, em sua maioria, não haviam programado a gravidez atual (CARVACHO; PINTO E SILVA; MELLO, 2008).

Ressalta-se, portanto, que toda a atividade referente à Educação Sexual dentro da escola precisa ser intensificada. Os educadores precisam de formação para abordar a sexualidade apresentando todas as arestas da temática, inclusive os processos biológicos de concepção (MENDONÇA; ARAÚJO, 2009) que, como comprovado pelas HQ, ainda permanecem falhos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção autoral de HQ dos alunos foi uma estratégia empregada para investigar um problema que assola o município estudado, o alto índice de gravidez na adolescência. As HQ se beneficiam do uso da linguagem verbal e não verbal, descrevendo problemas enraizados no inconsciente dos alunos.

Esse instante da pesquisa nos trouxe uma mistura de sentimentos desagradáveis e surpreendentes, pois os alunos deveriam apresentar possíveis causas de o índice de gravidez na adolescência ser tão alto nessa comunidade, e constatamos problemas não antes imaginados. Categorizamos as constantes apresentadas nos quadros das HQ para facilitar nossa perspectiva acerca das tribulações. A primeira categoria foi encenada pelo assédio sexual, informando-nos sobre os abusos presentes na vida dos jovens. Outro fator se fez permanente, as brigas constantes com pais, o momento “adolescer” que causa um impacto relevante em todo o contexto familiar, o sexo sendo ostentado como forma de comprovar o sentimento amor e, finalmente, a desinformação sobre os processos de contracepção, presente nessa última categoria a despreocupação com o fato de engravidar na adolescência e o hábito de vida sexual perigoso perpetuado entre os jovens. O uso da HQ nos trouxe uma dicotomia de sua função, por um lado argumentamos que os resultados foram negativos, se levarmos em consideração a exposição das mazelas sofridas pela juventude em se tratando da sexualidade, todavia por outro, foi positivo, pois sua eficácia nos possibilitou entender um pouco mais sobre o que assola os jovens, fazendo da HQ uma ótima ferramenta avaliativa para Educação Sexual. Permitiu-nos entender o que se refere à importância de a mesma ser desenvolvida, aplicada, fundamentada dentro da escola, e o quanto é importante que profissionais da educação tenham acesso a uma formação continuada que desenvolva a temática de forma libertaria e emancipatória para desconstruir e combater todos os infortúnios da sexualidade entre os jovens.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. S.; COSTA, L. O. **Comportamento sexual e contracepção de emergência entre adolescentes de escolas públicas de Pernambuco, Brasil.** Cad. Saúde Pública. 25:551-62, 2009.

Bakhtin, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Tradução de Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem.** (6. ed.) São Paulo: Hucitec, 1992.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1979.

BELLONI, I.; MAGALHÃES, H.; SOUSA, L. C. **Metodologia de avaliação em políticas públicas: uma experiência em educação profissional**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BIÉ A. P., DIÓGENES M. A.; MOURA E. R. **Family planning: what do adolescents know about this matter?** RBPS; 19:125-30, 2006.

BLOOM, B. S. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1983.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais**. Brasília, MEC/SEF., 136 p., 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro04.pdf>> Acesso em: 07 fev. 2018.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARMINATTI, S. S. H.; BORGES, M. K. **Perspectivas da avaliação da aprendizagem na contemporaneidade**. Est. Aval. Educ. São Paulo, v. 23, n. 52, p. 160-178, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1734/1734.pdf>. Acesso em: 29 de abr. 2019.

CARO, F. G. **Pesquisa Avaliativa: uma visão panorâmica**. Tradução de John Stephen Morris. GOLDBERG, M. A. A.; SOUZA, C. P. (Org.). **Avaliação de Programas Educacionais: vicissitudes, controvérsias e desafios**. São Paulo: EPU, p. 10-14, 1982.

CARUSO, F.; SILVEIRA, C. **Quadrinhos para a cidadania**. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, v. 16, n. 1, p. 217-236, 2009.

CARVACHO I. E.; PINTO E SILVA J. L.; MELLO M. B. **Conhecimento de adolescentes grávidas sobre anatomia e fisiologia da reprodução**. Rev. Assoc. Med. Bras. 54:29-35, 2008.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

DOBRADA. **Plano Municipal de Educação de Dobrada**. 2015. Disponível em: <<http://www.dobrada.sp.gov.br/index.php/departamentos/educacao>> Acesso em: 10 de ago. 2018.

DRUMMOND, M.; DRUMMOND FILHO, H. **Drogas: a busca de respostas**. São Paulo: Loyola, 1998.

ESPINDULA, D. H. P.; SANTOS, M. F. S. **Representações sobre a adolescência a partir da ótica dos educadores sociais de adolescentes em conflito com a lei**. Psicologia em estudo, 9(3), 357-367, 2004.

ESTEBAN, M. T. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREITAS, I. C. **Função social da escola e formação do cidadão.** Disponível em:  
<<http://democracianaescola.blogspot.com/2011/10/cabe-escola-formar-cidadaos-criticos.html>>  
Acesso em 08 de mar. 2019.

GARCIA, A. M. **A Orientação Sexual na Escola: Como os professores, alunos e pais percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual.** Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, 2005.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio.** 3.ed. rev. e atual. Londrina: Eduel, 2010.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: UNESP, 1993.

GUTIERRA B. C. C. **Adolescência, Psicanálise e Educação.** São Paulo, Avercamp, 2003.

HAYDT. R. C. **Avaliação do processo de Ensino-Aprendizagem.** 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.

HEILBORN M. L.; AQUINO E. M. L.; BOZON M.; KNAUTH D. R. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros.** Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

LEITE I. C.; RODRIGUES R. N.; FONSECA M. C. **Fatores associados com o comportamento sexual e reprodutivo entre adolescentes das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil.** Cad Saude Publica. 20:474-81, 2004.

LIBÂNEO, C.C.; OLIVEIRA, J.F.; TOSCHI, M.S. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização.** 8.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 18ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LUCKESI, C. C. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem.** Pátio. Porto alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev. /abr. 2000. Disponível em:  
<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2511.pdf> . Acesso em 18 de mai. 2019.

MARTURANO, E. M. **Fatores de risco e proteção no desenvolvimento sócio-emocional de crianças com dificuldades de aprendizagem.** Em E. G. Mendes, M. A. Almeida & L. C. A.



Williams (Orgs.), *Avanços recentes em educação especial* (pp. 159-165). São Carlos: EDUFSCar, 2004.

MENDONÇA R. C.; ARAÚJO T. M. **Métodos contraceptivos: a prática dos adolescentes das escolas agrícolas da Universidade Federal do Piauí.** Esc. Anna Nery Rev. Enferm. 13:863-71, 2009.

OJEDA, F.C; GONZÁLEZ, T. G.; TERREROS, I. J. **Síndrome de Munchausen por poderes.** Cuardenos de Medicina Forense. v. 12, n. 43-44, p. 47-55, Ene/Abr., 2006.

OSORIO, L. C. **Adolescente hoje.** (2. ed.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PARLETT, M.; HAMILTON, D. **Avaliação iluminada: uma nova abordagem no estudo de programas inovadores.** Tradução de Lanfranco Trancone e Maria Amelia Azevedo Goldberg. GOLDBERG, M. A. A.; SOUZA, C. P. (Org.). *Avaliação de Programas Educacionais: vicissitudes, controvérsias e desafios.* São Paulo: EPU, p. 38-45, 1982.

PEREIRA, A. **Vida íntima: enciclopédia do amor e do sexo.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

POSSENTI, S. **O humor e a língua.** Ciência hoje. v.30, n. 176, p. 72-74, out. 2001. Disponível em: <http://aescritanasentrelinhas.com.br/wp-content/uploads/2009/02/o-humor-e-a-lingua-texto.pdf>  
Acesso em: 26 de abril 2017.

RIBEIRO, M. A.; FERRIANI, M. G. C.; REIS, J. N. **Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares.** Cadernos de Saúde Pública, 20(2), 456-464, 2004.

SANT'ANNA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos.** Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTOS, P. N.; AQUINO, K. A. S. **Produção de histórias em quadrinhos no ensino de química orgânica: a química dos perfumes como temática.** In: Anais do XV Encontro Nacional de Ensino de Química. Brasília, DF, 2010.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações.** 7 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SUDBRACK, M. F. O. **Terapia familiar sistêmica.** Em S. D. Seibel & A. Toscano Jr. (Orgs.), *Dependência de drogas* (pp. 403-415). São Paulo: Atheneu, 2001.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação da aprendizagem: Práticas de mudança – por uma práxis transformadora.** 13. ed. São Paulo: Libertad, 1998.

VERGUEIRO, W. **Uso das HQs no ensino.** In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.* São Paulo: Contexto, 2010.

VERGUEIRO, W. **Uso das HQs no ensino.** In: RAMA, A. et al. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.* (3. ed.) São Paulo: Contexto, p.7-29, 2006.

VERGUEIRO, W. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. **Quadrinhos na educação.** São Paulo: Editora Contexto, 2009.

WAGNER, A.; FALCKE, D; SILVEIRA, L. M. B. O.; MOSMANN, C. P. **A comunicação em famílias com filhos adolescentes.** *Psicol. estud.* [online]., vol.7, n.1, pp.75-80, 2002.

**Submetido em: 04/11/2019. Aprovado em: 02/04/2020.**